

CAMINHOS DE LIBERDADE: RASTROS DA FUGA DE ESCRAVOS NOS JORNAIS DO MARANHÃO OITOCENTISTA

ROUTES TO FREEDOM: TRACING SLAVE ESCAPES IN NINETEENTH- CENTURY MARANHÃO NEWSPAPERS

DOI: <https://doi.org/10.29327/2739169.1.1-7>

Recebido: 06/04/2025

Aceito para publicação: 16/09/2025

Isabela Sousa Ricarte

Ensino Médio Profissionalizante em Logística
Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão)
Presidente Dutra – Maranhão, Brasil
isabelasousaricarte@gmail.com

João Pedro Silva Leite

Ensino Médio Profissionalizante em Informática
Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
Presidente Dutra – Maranhão, Brasil
jsilvaleite492@gmail.com

Rodrigo Caetano Silva

Pós-doutor em História
Universidade Federal de Minas Gerais
<https://orcid.org/0000-0003-4975-819X>
Presidente Dutra – Maranhão, Brasil
roddrigocaetano.ufpi@gmail.com

RESUMO

O artigo investiga as fugas de escravos na província do Maranhão, durante o século XIX. A base da pesquisa empírica é os anúncios publicados nos jornais que circulavam na província maranhense. O objetivo principal é compreender como as fugas configuram formas de resistência no regime escravista. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise documental e historiográfica, considerando o discurso dos senhores e os detalhes descritos nos anúncios de fugas. Os resultados evidenciam que as fugas não foram atos isolados, mas práticas recorrentes, articuladas por meio de redes de solidariedade, conhecimento geográfico e estratégias de dissimulação. Os dados também revelam a percepção senhorial sobre os fugitivos, marcada por estigmas, vigilância e tentativas de controle. Conclui-se que os escravos, ao fugir, não apenas negavam a condição imposta pela escravidão, mas também afirmavam sua humanidade, sua autonomia e o desejo por liberdade. A análise dos anúncios permite, portanto, resgatar dimensões ocultas da experiência escrava e valorizar as múltiplas formas de resistência negra.

Palavras-chave: fuga de escravos, resistência, Maranhão oitocentista.

ABSTRACT

This article investigates the escapes of enslaved people in the province of Maranhão during the 19th century. The empirical basis of the research is the advertisements published in newspapers circulating in the province. The main objective is to understand how these escapes constituted forms of resistance within the slave regime. The study adopts a qualitative approach, grounded in documentary and historiographical analysis, considering the discourse of slaveholders and the details described in the escape announcements. The results show that escapes were not isolated acts but recurring practices, articulated through networks of solidarity, geographical knowledge, and strategies of concealment. The data also reveal the slaveholding perception of fugitives, marked by stigmatization, surveillance, and attempts at control. It is concluded that enslaved individuals, by fleeing, not only rejected the condition imposed by slavery but also affirmed their humanity, autonomy, and desire for freedom. The analysis of the advertisements thus allows for the recovery of hidden dimensions of the slavery experience and the appreciation of the multiple forms of Black resistance.

Keywords: slave escapes, resistance, 19th-century Maranhão.

1. INTRODUÇÃO

Ao analisar as listas de classificação de escravos na província do Piauí, constatou-se que grande parte dos cativos registrados havia fugido das residências de seus senhores. A investigação documental revelou que, no final das listas de classificação, havia um campo destinado às observações, no qual se indicava, entre outras informações, se o escravo matriculado se encontrava foragido. Conforme já destacado, verificou-se um número expressivo de cativos identificados como fugitivos, sendo que, em muitos casos, o documento ainda especificava o destino presumido da fuga.

Um exemplo significativo consta na relação de escravos pertencentes a Valdivino Ribeiro Torres, residente no município de Barras, na província do Piauí. Nessa lista, elaborada conforme o modelo estipulado pelo artigo 1º da Lei nº 3.270, de 28 de setembro de 1885, foram registrados sete cativos. Nas observações, consta que o escravo Raimundo, matriculado sob o número 254, com 43 anos de idade, de filiação desconhecida, lavrador, avaliado em seiscentos mil réis, encontrava-se foragido para a província do Ceará. Essa relação é datada de 23 de maio de 1887 (APEPI. Assunto: Coletoria. Caixa 774. Cidade: Barras).

A data e o destino da fuga de Raimundo despertaram nosso interesse, especialmente ao considerarmos que, desde 1884, circulava na província do Ceará um discurso enfático que a proclamava como a primeira do Brasil a libertar todos os seus escravos. A escolha de Raimundo

por esse local remete à reflexão proposta por E. P. Thompson em seu estudo sobre a *economia moral da multidão inglesa no século XVIII*. Nesse texto, publicado em forma de capítulo no livro *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*, Thompson faz críticas à argumentação que, segundo o historiador inglês, “pode ser descrita como visão espasmódica da história popular” (Thompson, 1998, p. 150).

Segundo Thompson, a chamada visão espasmódica sustentava que “difícilmente se pode tomar a gente comum como agente histórico antes da Revolução Francesa”. De acordo com essa perspectiva, as camadas populares apenas surgiam na cena histórica de forma ocasional e desordenada, em momentos de súbita convulsão social. Ainda conforme o historiador, essas intervenções não seriam fruto de uma ação consciente ou deliberada, mas sim reações compulsivas a pressões econômicas (Thompson, 1998, p. 150). Vale destacar que o termo “espasmódica” remete à ideia de espasmo, ou seja, a movimentos involuntários do corpo, o que reforça a noção de uma atuação inconsciente por parte das massas.

Em contraposição à visão espasmódica, E. P. Thompson analisou a resistência dos camponeses ingleses na defesa de um preço que consideravam justo para o trigo. Para o historiador, os homens e mulheres que compunham a multidão atuavam movidos por uma convicção consciente de que seus atos visavam à defesa de direitos e costumes tradicionais. Thompson não ignorou que os chamados “motins” pudessem ser desencadeados por fatores como o aumento dos preços, a má conduta de comerciantes ou mesmo pela fome — reconhecendo, portanto, o caráter impulsivo ou reativo dessas manifestações. No entanto, argumentou que tais reações estavam fundamentadas numa compreensão tradicional e consciente das normas e obrigações sociais, bem como das funções econômicas atribuídas a diferentes grupos dentro da comunidade. Conforme o autor, essas normas compartilhadas formavam aquilo que denominou de “economia moral dos pobres”. O que motivava a ação direta não era apenas a privação material, mas sobretudo a violação desses pressupostos morais. Assim, a luta dos camponeses ingleses para fixar o preço do trigo configurava-se como uma forma sofisticada de ação coletiva: disciplinada, racional e orientada por objetivos claramente definidos (Thompson, 1998, p. 152).

É a partir da argumentação proposta por E. P. Thompson que compreendemos a atitude de Raimundo. Ele sabia o que queria e traçou um rumo para alcançá-lo. O ato praticado por Raimundo não foi apenas uma ação inconsciente, que visava apenas sair dos ditames de seu

senhor; Raimundo tinha ciência do que acontecia ao seu redor e fugiu para o Ceará objetivando conseguir sua liberdade em local onde essa liberdade se propagava como plena e recorrente¹.

O caso do escravo Raimundo não foi algo isolado; muito pelo contrário. As fugas de escravos foram um fenômeno recorrente em todas as partes do Brasil, seja enquanto colônia ou império. No Maranhão, a evasão dos cativos constituiu eventos recorrentes e preocupantes para os proprietários de escravos, que empregavam diversos mecanismos que evitassem e reprimissem essas tentativas de busca pela liberdade. Entre os principais meios de controle e vigilância, destacavam-se a patrulha de milícias, a imposição de castigos exemplares e a veiculação de anúncios de fuga em jornais locais. Esses anúncios, frequentemente publicados em periódicos maranhenses ao longo do século XIX, representam uma fonte histórica fundamental para o estudo das experiências dos escravos, pois revelam aspectos importantes sobre os perfis dos fugitivos, suas motivações, estratégias e os desafios enfrentados durante a tentativa de escapar da opressão.

Diante desse contexto, este artigo se propõe a analisar os anúncios de fuga de escravos publicados na imprensa maranhense do século XIX, buscando compreender de que forma esses registros refletem as dinâmicas de resistência e repressão no contexto escravista da província. O estudo se fundamenta na análise desses documentos como instrumentos de controle social e repressão, ao mesmo tempo em que se investiga a agência dos cativos na luta por sua liberdade. Para isso, serão abordadas as seguintes questões norteadoras: quais eram os perfis dos escravos que empreendiam a fuga? A fuga praticada pelos escravos pode ser vista como ação consciente? A partir dessas indagações, busca-se não apenas lançar luz sobre as estratégias de resistência escrava no Maranhão oitocentista, mas também contribuir para um debate acerca das múltiplas formas de luta pela liberdade em sociedades escravistas.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida por dois estudantes do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA – Unidade Plena de Presidente Dutra/MA), sob a

¹Em 1884, o Ceará destacou-se no cenário nacional ao tornar-se a primeira província do Brasil a abolir a escravidão. Esse marco histórico foi resultado da intensa mobilização de diferentes setores da sociedade cearense: abolicionistas, jornalistas, intelectuais, trabalhadores livres e até autoridades locais, que se uniram em torno da causa libertária. A ação culminou na libertação dos últimos escravos da província, quatro anos antes da promulgação da Lei Áurea. O feito conferiu ao Ceará um papel simbólico e pioneiro no processo abolicionista brasileiro, sendo amplamente celebrado na época como exemplo de vanguarda e sensibilidade às demandas por justiça e liberdade. Cf. Silva, 2022.

orientação direta de seu professor de História. Ao longo do processo investigativo, os alunos participaram ativamente de todas as etapas do trabalho, desde a definição da temática até a análise das fontes e a construção das interpretações. A atuação do professor orientador foi fundamental para conduzir a pesquisa com rigor metodológico, estimular a reflexão crítica e promover o diálogo entre o conhecimento acadêmico e o conhecimento empírico, fortalecendo, assim, a formação cidadã e intelectual dos estudantes.

Esta é uma pesquisa embrionária, mas é possível apresentar algumas ilações. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, baseada na análise documental de anúncios de fuga publicados em jornais da província do Maranhão no século XIX. A metodologia empregada compreendeu as estratégias de resistência dos escravos e os mecanismos de repressão senhorial a partir da leitura crítica dessas fontes primárias, situando-as no contexto social, econômico e político da época.

As fontes foram acessadas no acervo digital da Biblioteca Nacional, pertencendo ao domínio público e estando disponíveis para consulta em sua plataforma online. A seleção dos anúncios seguiu critérios de relevância para a compreensão da dinâmica das fugas escravas na região, considerando aspectos como a recorrência das publicações, o detalhamento das descrições e a diversidade de periódicos. Dessa forma, foram coletados e examinados registros de diferentes jornais maranhenses entre os anos de 1870 e 1885, período que antecede a abolição da escravidão no Brasil e que se caracterizou por intensos debates sobre a questão escravista, isso devido ao aumento das fugas como forma de resistência.

A análise das fontes concentrou-se em elementos específicos presentes nos anúncios, como as características físicas e comportamentais atribuídas aos fugitivos, seus nomes, idades, habilidades profissionais e vínculos familiares, bem como as informações sobre os locais de fuga e possíveis destinos. Além disso, buscou-se identificar as estratégias empregadas pelos senhores para recuperar os cativos, incluindo a fixação de recompensas, a solicitação de apoio de autoridades policiais e a divulgação de detalhes para facilitar a captura.

Com base nessa abordagem, a pesquisa não apenas descreve os anúncios de fuga, mas também os interpreta à luz da historiografia sobre a escravidão e a resistência negra no Brasil. Assim, os dados coletados foram analisados a partir de referenciais teóricos que discutem a agência dos indivíduos, as dinâmicas de resistência e as formas de controle social. Esse tratamento metodológico permite compreender como os próprios escravos protagonizaram

processos de resistência e de que maneira as narrativas contidas nos anúncios refletem as tensões entre senhores e cativos no contexto maranhense oitocentista.

3. DESENVOLVIMENTO

Os anúncios de escravos fugidos, publicados nos periódicos maranhenses do século XIX, constituem fontes valiosas para a compreensão das dinâmicas de resistência escrava na província, revelando informações detalhadas sobre os perfis dos fugitivos, suas características físicas, habilidades profissionais, possíveis rotas de escape e as estratégias utilizadas pelos senhores para recapturá-los. Esses documentos não apenas registram a evasão dos cativos, mas também refletem a preocupação dos proprietários com a recorrência dessas fugas, evidenciando a fuga como uma forma de resistência ativa e frequente no Maranhão escravista.

A análise dos anúncios permitiu observar que muitos escravos eram especializados em ofícios urbanos e rurais, como pedreiros, barbeiros, carpinteiros, ferreiros e cozinheiros, o que lhes conferia maior mobilidade e a possibilidade de garantir meios de subsistência após a fuga. Como seguem nos anúncios:

Há pouco mais de 15 dias, ausentou-se da casa do abaixo assignado, o escravo de nome Luiz, mulato, bastante claro e com os cabellos ruivos encarapinhados e official de pedreiro e bem conhecido pelos de seu officio. Quem d'elle der notícia e o trouxer para a casa do nome abaixo assignado será bem recompensado (Escravo fugido. Jornal da lavoura, a. I, n. 19, 1876).

Fugiu em 19 do corrente do retiro se sant'anna, d'este districto, o escravo Leandro, creoulo, preto, de idade de 23 a 24 annos, pouco mais ou menos, de estatura regular, boa aptidão para o officio de pedreiro, bons dentes, e tem de pouco tempo uma cicatriz na bochecha do lado esquerdo no canto da boca, e outra na perna direita abaixo do joelho, de um golpe de foice que soffreo, e falla com muito desembaraco; desconfia-se ter elle tomado a direcao do lugar gulgueia deste mesmo distrito, onde existe a sua mãe e é de supor que dali seguisse para as praias bacanga, saicotá, mangue secco, nocunandia, mangaça, cassacoeira, tainha, tibirol, lencol e prainha, distrito de cururupù e entregar a seus Srs. No doto lugar, ou na capital aos Srs. Almeida Junior e C, receberá como pega do seu trabalho a quantia de 100 reis. NB. este escravo foi comprado a uns Srs. Bellem, moradores do licoide, no distrito de cururupù. Protesta-se contra quem o acoutar, como for a lei (Escravo fugido. O Paiz, a. XVI, n. 100, 1878).

Desapareceu da fazenda S. Amália, de propriedade do Dr. Ricardo Décio Salazar, de quarenta e tantos annos, cor preta, calvo, alto, espaudado, carpinteiro, tendo duas cicatrizes no peito e falta de dentes na frente. Consta que fôra para Barra do Corda como fórrô. Quem capturá-lo e entregá-lo na referida fazenda, no alto-mearim ou na capital ao commendador José Maria de Freitas e Vasconcelos, receberá 100\$000 de gratificação. Também se

protesta contra quem o tiver acoutado (Escravo fugido, O Paiz, a. ?, n.182,1878)

Essa qualificação tornava-os mais valiosos para seus senhores, o que justificava o detalhamento minucioso presente nas descrições. Além disso, os registros indicam que a evasão raramente era um ato impulsivo, sendo frequentemente planejada e, em alguns casos, contando com o apoio de outros escravos, libertos ou até mesmo de indígenas que conheciam bem a geografia local. A existência de redes de solidariedade e auxílio reforça a tese de que a fuga não era um fenômeno isolado, mas sim parte de uma estratégia coletiva de resistência.

Outro aspecto relevante nos anúncios é a forma como os escravos eram descritos, com destaque para traços físicos, cicatrizes, forma de falar, hábitos pessoais e até mesmo sua forma de se vestir. O detalhamento dessas características demonstra a importância do reconhecimento visual para a recaptura dos fugitivos e a eficácia dos jornais como um instrumento de controle social. Termos como “perigoso”, “de mau gênio” ou “mal-encarado” aparecem com frequência. Como se observa nos anúncios a seguir:

A dona Carlota Joaquina de Sant’anna diz que, fugiu, em 3 de agosto, o seu escravo Maximiano, preto, 43 annos de idade, alto, magro, e mal encarado: a quem o capturar se gratificará bem como se protesta contra quem o occultar pelos dias de serviço (Escravo fugido. O Paiz, a. XVI, n. 265, 1878).

Fugido o escravo de nome Gabriel, pertencente a Raymundo Epimaco Caldas e Oliveira, do cururupù. Os signaes são os seguintes: cor cafuz escuro, cabello carapinha, tendo o sempre penteado, falla compassado. De dezoito a vinte annos de idade, bem nutrido, altura regular, rosto redondo com muitas espinhas, tendo o officio de barbeiro, tem mal gênio, tendo estado a pouco tempo preso na cadeia do Alcântara, quando fugio a primeira vez. Sera bem gratificado quem o capturar e entregar no cururupù a seu senhor e nesta cidade aos Srs. Castro, Souza e c^a ou a Estevão bastos Barbosa (Escravo fugido. O Paiz, a. XVI, n. 277, 1878).

Em princípios deste mês, fugiu desta cidade o escravo Maximo, de propriedade de dona Anna Maria Pereira de Carvalho, do iguará, termo da vargem grande. Este escravo é preto bem retinto, alto. Magro, pés pequenos, vergo de um olho e tem boa dentadura e perigoso. Quem o capturar e entregar a sua senhora no iguará, ou nesta capital a bento jose esteves dias, rua estrella, n’ 6, será bem recompensado. Outro sim, protesta se desde já com todo o rigor da lei, contra quem o tiver acoutando (Escravo fugido. O Paiz, a. XVII, n. 102, 1879).

Essas informações, postas nos anúncios de fuga, evidenciam uma estratégia dos senhores de associar a fuga à criminalidade, desqualificando a busca por liberdade dos cativos. Essas narrativas reforçavam o imaginário da época sobre a periculosidade dos fugitivos e legitimavam a repressão violenta contra eles.

A documentação também sugere um padrão na vestimenta dos fugitivos, frequentemente descritos com roupas simples e, em alguns casos, levando objetos como facas, dinheiro ou mantimentos, o que pode indicar a intenção de permanecer longe por longos períodos. A menção recorrente a cicatrizes e marcas físicas nos anúncios não apenas facilitava a identificação dos fugitivos, mas também expunha a brutalidade do sistema escravista e a violência sofrida pelos cativos antes da fuga. O uso da punição corporal extrema era uma prática comum para desencorajar novas evasões e reafirmar o poder senhorial sobre os corpos escravos.

Todavia, para além da violência perceptível nos anúncios de fuga de escravos, constata-se ainda as estratégias realizadas por eles. Como neste caso:

Fugiu da abaixo assignada, residente em s. José dos Matões, um seu escravo de nome Abrahão, cabra, idade de 20 anos, natural de pastos bons. Sem profissão, porem apto para todo serviço, altura regular, corpulento, feições grosseiras, olhos grandes, dentes limados, com falta de um na parte superior da frente, com cicatriz no braço, cabellos arapoas ou assanhados, mas sempre penteados, gosta de trajar se de calça, palitot e sapatos, muito fallante, principalmente quando bebe aguardente; e como há quase 10 anos, ate a occasião em que fugio da cidade de caxias, no dia 28 de dezembro ultimo, estivesse sempre ao serviço do vm. Padre Deocleciano do Rego Mausos Thalez, aprendeu a ajudar missa e outros actos de egreja. Consta que o referido escravo, a titulo de livre ou alforriado, contractou se e obteve do commandante do vapor. Que partio de caxias no dia 29 do referido mez de dezembro, passagem gratis, prestando seus serviços como criado, a bordo do mesmo vapor, ate a capital, para onde se dirigia com destino de assentar praça ou seguir para o Pará, afim de engajar se na companhia de bonds daquela província, com outros homens livres que daqui partiram; e pernoitarão juntos, embarcando de madrugada a bordo do referido vapor. E assim a abaixo assignada recorre por este meio, pedindo auxilio as autoridades policias, principalmente ao exm. Sr. Dr. Chefe de polícia para fazer o capturar antes de assentar praça ou de seguir para o Pará; fazer apreender uma falsa carta de liberdade, de que consta andar o dito escravo munido, afim de ser punido o autor desse criminoso procedimento; e bem assim gratifica bem a qualquer particular que o capturar, entregando na capital ao sr. Antônio Pacífico da Cunha; em Caxias, aos srs. Passarinho e irmão, e nesta villa, a abaixo assignada (Escravo fugido. Pacotilha, a. III, n. 19, 1883, p. 3).

A análise desse anúncio de fuga, publicado em 1883 no jornal Pacotilha, revela elementos significativos sobre as dinâmicas da escravidão em seus momentos finais no Brasil, especialmente nas províncias do Norte². O anúncio traz uma descrição detalhada de Abrahão. Essas informações tinham o objetivo de facilitar a identificação do escravo por possíveis denunciadores ou autoridades, mas também evidenciam um processo de individualização que contrasta com a tentativa de desumanização constante no regime escravista. A referência à vaidade pessoal, como o fato de sempre pentear os cabelos e usar calça, paletó e sapatos, pode indicar um desejo de se aproximar do padrão de aparência dos homens livres — um elemento simbólico de contestação da condição servil e estratégia de resistência para passar despercebido frente às buscas por sua pessoa.

Abrahão fugiu de forma estratégica: parte de Caxias em um vapor no dia 29 de dezembro, no dia seguinte à sua fuga, e aparentemente portava uma falsa carta de liberdade, com a qual conseguiu embarcar como “criado” no vapor que se dirigia à capital (São Luís), com a intenção de seguir ao Pará e engajar-se na companhia de bondes, junto com outros homens livres. Esse detalhe é crucial, pois revela: o conhecimento das rotas e dos meios de transporte, inclusive o uso de navios a vapor; a articulação com homens livres — o que indica a existência de redes de apoio entre negros livres e escravos e a posse (ou fabricação) de uma carta de alforria falsa, o que representa uma forma sofisticada de resistência, baseada na subversão da própria lógica documental do sistema escravista.

A fuga ocorre em dezembro de 1882, e o anúncio é publicado em 1883 — apenas um ano antes da abolição da escravidão no Ceará (1884) e quase seis anos antes da Lei Áurea. O episódio insere-se, portanto, num contexto em que as fugas, as alforrias ilegais, os contratos de trabalho e a circulação de negros livres ou libertos cresciam em intensidade, pressionando as estruturas do regime escravocrata. Assim, este anúncio de fuga é um testemunho eloquente da capacidade de agência dos escravos, da sofisticação de suas estratégias de liberdade e da fragilidade crescente do sistema escravista brasileiro na década de 1880. Abrahão não apenas foge — ele tenta se reinventar como homem livre, munido de uma identidade que ele construiu

²Durante o Brasil Império (1822–1889), o país não era dividido nas cinco regiões atuais, mas apenas em duas grandes áreas: Norte e Sul. Essa divisão simplificada seguia critérios administrativos e geopolíticos da época, considerando, principalmente, a distância em relação à capital, o Rio de Janeiro. O "Norte" englobava territórios que hoje pertencem ao Nordeste, Centro-Oeste e Região Norte, enquanto o "Sul" incluía províncias como São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Apesar de recorrente em documentos oficiais e debates políticos, essa separação não correspondia a uma divisão política formal, pois o Império era organizado em províncias subordinadas ao governo central.

com base em sua experiência, aparência, habilidades e, possivelmente, alianças. Trata-se de um exemplo notável daquilo que historiadores como João José Reis (2000) e Sidney Chalhoub (2011) têm apontado como a centralidade da resistência escrava na crise final da escravidão no Brasil.

Dessa forma, os anúncios de escravos fugidos oferecem um retrato amplo das fugas na província do Maranhão, permitindo compreender não apenas as características dos fugitivos, mas também as estratégias de resistência. A recorrência desses registros na imprensa oitocentista sugere que as fugas não eram um fenômeno esporádico, mas sim um desafio constante ao regime escravista, evidenciando a luta contínua dos cativos pela liberdade.

4. RESULTADOS

A análise dos anúncios de fuga publicados nos periódicos maranhenses do século XIX revelou padrões consistentes no comportamento dos escravos que tentavam escapar do cativeiro, bem como nas estratégias empregadas pelos senhores para recapturá-los. Esses fatores dialogam com os resultados encontrados por outros pesquisadores como Régia Agostinho da Silva (2014), Rodrigo Caetano Silva (2022), Edson Lima Barboza (2011) e Liana Maria Reis (1995).

Os dados levantados indicam que muitos fugitivos buscaram refúgio em cidades vizinhas, quilombos situados em regiões de difícil acesso ou portos movimentados, onde poderiam se misturar à população livre e dificultar sua identificação. A escolha desses locais não era aleatória, mas sim estratégica, demonstrando um conhecimento geográfico preciso por parte dos escravos, que frequentemente planejavam suas fugas com antecedência.

Outro aspecto relevante identificado nos anúncios foi o uso de documentos falsos de alforria por alguns fugitivos como forma de evitar a recaptura. Essa prática evidencia a complexidade das estratégias de resistência e sugere a existência de uma rede de falsificadores ou cúmplices dispostos a auxiliar na fuga, possivelmente composta por libertos, abolicionistas e até mesmo funcionários públicos corruptos. Além disso, a análise dos periódicos revelou a recorrência de anúncios reeditados, o que indica que muitos escravos conseguiam escapar repetidamente, evidenciando a persistência da fuga como uma forma de resistência e a ineficácia dos mecanismos repressivos empregados pelos senhores.

Outro dado significativo foi a relação entre a qualificação profissional dos fugitivos e suas chances de permanecerem livres por mais tempo. Os registros indicam que escravos

especializados em ofícios como carpinteiros, ferreiros, pedreiros e barbeiros possuíam maior possibilidade de inserção no mercado de trabalho informal, permitindo-lhes reconstruir suas vidas longe do domínio senhorial. Essa autonomia econômica contribuía para sua camuflagem dentro da sociedade livre, tornando a recaptura mais difícil.

A análise também demonstrou que a fuga não era um fenômeno isolado, mas sim parte de uma rede mais ampla de resistência. O número expressivo de escravos que conseguiram escapar diversas vezes sugere a existência de redes de apoio, compostas por outros cativos, libertos e indivíduos simpáticos à causa abolicionista. Esses aliados desempenharam um papel fundamental ao fornecer abrigo, alimentos, roupas e até mesmo novas identidades para os fugitivos.

Além disso, a permanência prolongada de alguns escravos fugitivos em liberdade reforça a tese de que a resistência negra foi um fator essencial para o enfraquecimento da escravidão no Brasil. A frequência com que os anúncios de fuga eram publicados nos jornais evidencia a preocupação dos senhores e as dificuldades enfrentadas para manter o controle sobre sua força de trabalho. Ao desafiar constantemente a ordem escravista, os fugitivos não apenas conquistavam sua própria liberdade, mas também contribuíam para o colapso gradual do sistema, antecipando o processo de abolição que se consolidaria em 1888.

Dessa forma, os dados extraídos dos anúncios de fuga oferecem uma compreensão mais ampla sobre as estratégias de resistência escrava no Maranhão, destacando a fuga como uma ação deliberada e planejada, que muitas vezes contou com apoio comunitário e se revelou uma ferramenta eficaz na luta contra a opressão senhorial.

5. DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa corroboram com estudos anteriores, Carlos Domingues (2011), Humberto Amorim (2017), que apontam a fuga como uma das principais formas de resistência ao regime escravista.

A documentação comprovada demonstra que, apesar de diversas medidas repressivas, muitos escravos não apenas escaparam do cativeiro, mas também foram protegidos por muito tempo da condição de submissão. Esse dado reforça a tese de que a resistência escrava não era apenas uma ocorrência instintiva à opressão, mas sim uma estratégia consciente e organizada.

A recorrência de padrões nas fugas sugere a existência de redes de apoio bem estruturadas, formadas por outros escravos, libertos, indígenas e até mesmo setores urbanos que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para o sucesso das evasões. Essas redes garantiam abrigo, alimentação e informações cruciais para a continuidade da fuga, demonstrando que os escravos compartilhavam estratégias e conhecimentos sobre rotas seguras e possíveis locais de refúgio. Isso reforça a ideia de que a resistência desafiava o sistema escravista, criando formas de sobrevivência.

Outro aspecto relevante a ser discutido é a maneira como os senhores descreviam os fugitivos nos anúncios publicados nos jornais. Além de detalhar características físicas, cicatrizes e vestimentas para facilitar a identificação, os senhores frequentemente recorriam a especificações que visavam desmoralizar os escravos e especificamente sua recaptura. Termos como “astuto”, “mentiroso”, “de gênio ruim” e “perigoso” eram comuns em anúncios, sugerindo uma tentativa de criminalizar a fuga e deslegitimar qualquer ação que representasse uma ameaça à ordem escravista. Essa estratégia discursiva não apenas reforçava estereótipos raciais negativos, mas também buscava moldar a percepção da sociedade sobre os fugitivos, associando-os a uma suposta periculosidade e justificando sua repressão violenta.

A análise dos anúncios também permite compreender como a escravidão estava profundamente inserida nas estruturas de poder da sociedade maranhense. Os jornais que publicavam esses anúncios pertenciam a membros da elite econômica e política, ou que demonstravam o controle que os senhores exerciam sobre os meios de comunicação e a importância que davam à manutenção do regime escravista. A presença constante de anúncios de escravos fugidos nas páginas dos jornais atesta não apenas a alta incidência das fugas, mas também a preocupação crescente dos proprietários com a estabilidade do sistema. Esse temor se intensificou especialmente nas décadas finais do século XIX, quando o movimento abolicionista ganhou força e a resistência se tornou cada vez mais visível e organizada.

Além disso, a insistência na recaptura dos fugitivos expressos nos anúncios revela o impacto que as fugas tiveram sobre a economia escravista. A perda de um escravo representava um prejuízo significativo para os senhores, tanto do ponto de vista financeiro quanto simbólico, pois minava a autoridade senhorial e incentivava outros cativos a tentarem escapar. Dessa forma, a publicação recorrente de anúncios de escravos fugidos não tinha apenas o objetivo de recuperar a mão de obra.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos anúncios de fuga de escravos no Maranhão evidencia a agência dos cativos na luta contra o sistema escravista. As fugas representavam uma forma ativa de resistência e desafiavam a autoridade senhorial. Ao recuperar essas histórias, é possível ampliar a compreensão sobre a escravidão no Brasil e valorizar as estratégias de sobrevivência e luta pela liberdade.

Os anúncios de fuga demonstram que a escravidão não foi um sistema incontestável, mas sim constantemente desafiado por aqueles que estavam submetidos a ele. A resiliência e a determinação dos escravos em buscar a liberdade reforçam a importância de considerar as vozes dos sujeitos escravizados na construção da sua própria história.

Por fim, os registros analisados reforçam a relevância de estudos que buscam compreender as dinâmicas da escravidão a partir das experiências dos próprios cativos. A pesquisa sobre a fuga de escravos no Maranhão contribui para a ampliação do conhecimento sobre a resistência negra e a complexidade das relações sociais no Brasil no século XIX. O estudo desses documentos possibilita uma maior valorização da memória e da luta dos escravos, que enfrentaram um sistema opressor e lutaram bravamente por sua liberdade.

REFERÊNCIAS

AMORIM, H.. “A carne mais barata do mercado é a carne negra”: comércio e fuga de escravos músicos nas primeiras décadas do Brasil oitocentista (1808-1830). **Opus**, v. 23, n. 2, p. 89-115, 2017.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ- APEPI. **Secretaria de Governo do Piauí-SEGOPI**, Sala do Poder Executivo. Assunto: **Coletoria**. Caixa 774. Cidade: Barras.

BARBOZA, Edson Lima. “Cabeça chata, testa de macaco”: conexões entre migrantes e escravos fujões, desde o Ceará aos portais da Amazônia (1877-1880). **Projeto História**, v. [S/v], n. 42, p. 391-418, 2011.

CHALHOUB, S. **Visões da Liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

DOMINGUES, C. V. S. da S. **Desafiando o cativeiro: fuga de escravos no Rio de Janeiro joanino (1808 – 1821)**. 164 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ESCRAVO FUGIDO. **Jornal da lavoura**, Maranhão, 15 de março, a. I, n. 19, 1876.

- _____. **O Paiz**, Maranhão, 4 de maio, a. XVI, n. 100, 1878.
- _____. **O Paiz**, Maranhão, data ?, a ?, n. 182, 1878.
- _____. **O Paiz**, Maranhão, 22 de novembro, a. XVI, n. 265, 1878.
- _____. **O Paiz**, Maranhão, 7 de dezembro, a. XVI, n. 277, 1878.
- _____. **O Paiz**, Maranhão, 4 de maio, a. XVII, n. 102, 1879.
- _____. **Pacotilha**, Maranhão, 19 de janeiro, a. III, n. 19, 1883.

REIS, J. J. De olho no conto: trabalho de rua na Bahia na véspera da Abolição. **Afro-Ásia**, v. [S/v], n. 24, p. 199-242, 2000.

REIS, Liana Maria. Vivendo a liberdade: fugas e estratégias no cotidiano escravista mineiro. **Cadernos de História**, v. 1 n. 1 p. 17-23, 1995.

SILVA, R. A. da. Escravidão e resistência no Maranhão: anúncios e fugas escravas no século XIX. **Rev. Hist. UEG**, v.3, n.2, p. 30-51, 2014.

SILVA, R. C. **Leis, mortes e fugas: o processo de abolição da escravidão e a entrada dos imigrantes no Piauí (1872 – 1887)**. 2022. 322 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.